

AZUL

ANNO I.º

Pela Arte

TOMO I.º

Director: *Thiago Peixoto.*

Curitiba, 19 de Agosto de 1900



Domingos Nascimento,

Para os grandes intellectuaes como para os deoses, só ha uma phrase capaz de apontar-lhes a visão immortal: -- *Ecce homo!*

Eil-o, pois, nessa figura illuminada que hoje resplendora a fachada do *Azul*, como uma estatua real, n'um torreão medievo.

Primoroso cantor, elle tem deixado nababescamente, esparsos de Norte a Sul, os seus versos que por ali ficaram na ardentia oceanica da imprensa.

Versos suggestivos e consoladores, amados versos immortaes, sois a gloria das letras paranaenses; — artista magnifico, asceta do *Stellaris* e da *Mystica*; do teo perfil de estheta, evola-se o aura deslumbrante dos eleitos.

Dous livros, — *Revoadas* — e — *Threnos e Arruidos*, — dataram a en-

trada triumphal de Domingos Nascimento no Areopago Artistico Brasileiro. E quando elle surgiu, sob as arcadas d'ouro, extranhas visões saudaram-n'o, magnificas!...

Como Walter Scott, Domingos Nascimento traçou a sua linha de Arte sem a parte iniciatica onde tantos e tão grandes artistas deixaram o lado obscuro e titubeante da sua Obra.

Revodas, como *Waverley*, tem o cunho gigante, caracteristico dos grandes artistas.

Balzac diz-nos que „o talento litterario é um movel de polimento coberto de pó, que se deve espanar para que surja com todo o seo esplendor“. E Pinheiro Chagas accrescenta que „Balzac, só a sua conta, impingio ao publico *quarenta volumes de liço* antes que lhe desse a *Comedia Humana*.“

E', pois, altamente significativo, que Domingos Nascimento se tenha revellado um grande intellectual desde a Hora em que afinou-se-lhe a percepção musical e se lhe encandecêo a pujante cerebração artistica.

Nos *Contos da Caserna* não sei se porque Domingos Nascimento falle da Patria, que o achamos mais fino, mais subtil, mais artista e até mesmo mais nobre que de Amicis, e a sua Arte tem, para nós, coloração de incendios, estuar de bandeiras desfraldadas, enovellamentos ardentes de pólvora, sons imperiosos de clarius, conclamando!...

O *Relicario* tem a sua parte lyrica e symbolica: — os versos lyricos, — o conto symbolistico.

Publicado com o rigôr que lhe pretende dar Domingos Nascimento, este bellissimo livro de Arte Nova conquistará para o magnifico Poeta da *Rosa Mystica*, o mais distincto e extraordinario renome, e firmal-o-ha de vez e para sempre,— assignalando a sua epocha,— na consagração artistica do Paiz.

E' que *Relicario* foi sentido pelo mais impressionavel Coração que conhecemos, e laborado n'uma ardente cerebração artistica, qual a do brilhante intellectual Paranaense.

Este glorioso livro de versos teve, a par da sua historia de amor, um outro episodio que nol-o ia roubando ao Coração e ao Espirito:

Por um longo dia de *spleen*, de atroses pulsações cardiacas, Domingos após repellir-lhe os versos immortaes, — queimou-o!

Frio, com um habil desembaraço de velho bandido, recolheu-lhe as paginas cremadas, collocou-as n'um pequenino caixão de cedro, fechou-o com as sete chaves do seo ciúme Othelico, e deixou que o Tempo completasse a obra devastadora do Fogo...

E o tempo veio e passou sem polluir as folhas immortaes, e sem cumprir a sua sinistra missão.

Um dia, de novo o Poeta voltou-se para a sua Obra....e das paginas carbonisadas do *Relicario* surgiram, em rubros caracteres, os seus versos amados, rutilos estampando-se no carbono que se desfazia!...

*

Cremos que do extranho facto veio-lhe o nome ao livro.

Canção de um lyrio

Eu sou da terra dos lyrios bravos
Que pendem a haste por sobre o mar ...
Por entre lyrios vermelham cravos ...
Branco e vermelho ... fico a scismar!
Fico a scismar nos lyrios e nos cravos
Que pendem a haste por sobre o mar.

A minha dama é alva de neve,
De labios rubros, botão de flor,
A minha dama que olhos já teve!
Hoje nem posso dizer-lhe a cor ...
Fico a scismar nos olhos que já teve,
De labios rubros, botão de flor.

Eu sou da terra dos brancos lyrios,
Dos lindos mares bravos, chorosos.
No céu trevoso crepitam cyrios,
E os ventos gemem tristes, saudosos ...
Fico a scismar que velam tantos cyrios
Os lindos mares bravos, chorosos!

A Dôr Eterna seja contigo,
Coração fiel — mar tormentoso!
Meu companheiro, meu velho amigo!
Quando te sinto vago e inditoso,
Fico a scismar em ti, meu velho amigo,
Coração fiel — Mar Tormentoso!

Eu sou da terra dos lyriaes ...
... Branca de neve ... seios de amóra ...
Que lindo rastro nos areiaes!
A noite foge, resplende a aurora ...
Fico a scismar por sobre os areiaes:
— Branca de neve ... seios de amóra ...

O mar soluça beijando a praia.
Não mais te beijo, botão de flor!
A onda geme, a onda desmaia ...
— Gemo a tortura do meu amor!
Fico a scismar si aquella flôr desmaia:
— Não mais te beijo, botão de flor!

Domingas Mascimenta.

FLOR HEROICA



de Domingos Nascimento

Quando Mary nasceu, Ermoselim teceu-lhe de sorrisos uma alva coroa resplandescnte.

Voaram os tempos, floriram vinte abris. Mary cresceu, cresceu Ermoselim.

Um dia, em que o sol apparecera mais doirado, as nuvens mais brancas, o cêo mais azul; um dia, os dois corações palpitarão de amor.

Mas á tarde, quando Vesper surgiu, o cêo tinha já uma extranha coloração roixa, de saudade...

Quando Mary morreu,—Ermoselim teceu-lhe uma suave coroa de bizarras flores desconhecidas. Colheo-as elle proprio no jardim da sua existencia em flor, e elle proprio as engrinaldara e as fora depositar no tumulo que fechara a sua felicidade.

Nova revoada de annos passou, passaram-se os invernos, frios e enervantes; subio o sol, cahio a neve;—veio o outono e caíram as folhas;—veio o verão e o sol rugio em

fogo;—iam e vinham as estações transmutando-se...—e a coroa que Ermoselim depositara no tumulo sagrado da divina Esposa lá estava, a mesma! dias e annos! como se as suas brilhantes flores amarellas se tivessem aberto pela madrugada e pelo orvalho daquelle mesmo dia!...

Em breve o Pezar, velho herbolario d'almas, notificou o facto extranho e todos iam ao tumulo de Mary observar curiosos a flor amarella que não morria, symbolo do extraordinario amor de Ermoselim de Lara.

E as noivas do logar conduziam, para cuidadas estufas sentimentaes, o pollen germinador d'aquella flor heroica, flor extranha, symbolo do desespero, da saudade e do amor.

E em cada jardim, surgiu logo a flor doirada do tumulo de Mary.

E foi assim que as *Sempre-vivas* nasceram...

Romario Martins.

PELO AMOR

A Leancia Garcia

Era um forte! Partio para a Guerra
Convencido da Gloria e dos Louros!
Tudo isto aspirou sobre a Terra...
Oh! Magicos Thesouros!...

Sua Dama sorrio, foi estoica!
A Esperança brilhava em seo seio!
Um sorriso tornava-lhe heroica!
Não havia receio!...

De Luares, de Sonhos, de Flores,
Era feito o Sorriso da Dama.
Elle passou, por entre esplendores,
Agitando uma flamma.

Combateo! Combateo como um forte!
Com a vida elle a corpo luctou;
Corpo a corpo luctou com a Morte...
Mas afinal tombou!

No Azul scintillava o Cruzeiro!
Bem depois de perder-se a esperança,
Estendido, encontrou-se o Guerreiro
Ao lado da sua lança!

Mas a Dama por quem soffreo tanto,
Noites todas, inteiros os dias,
Não lhe atira a migalha de um pranto...
E vive entre Harmonias!

Paraná 1900.

Lette Junior.



Dias de Sol

Quem póde as horas esquecer, os dias
De um doce tempo de illusões repleto,
Em que vivemos a beijar Marias,
Jurando ás Lucias um eterno affecto?

De um doce tempo de illusões repleto,
Em que passamos a abraçar Helenas,
Jurando ás Lucias um eterno affecto,
Quem póde as luctas esquecer, as scenas?

Si ja passamos a abraçar Helenas,
Como esses sonhos recordar, sem pranto?
Quem póde as luctas esquecer, as scenas
Dessas conquistas, que custaram tanto?

Ah! como os sonhos recordar, sem pranto,
Dos idos tempos, que não voltam mais?
Essas conquistas, que custaram tanto,
Em recordar o coração se apraz!

Os idos tempos, que não voltam mais,
—Livres do Spléen, das provações da Magoa—
Em recordar, o coração se apraz,
Embora os olhos se nos encham de agoa...

Quem pode as horas esquecer, os dias
De um doce tempo de illusões repleto
Em que vivemos a beijar Marias,
Jurando ás Lucias um eterno affecto?

Alfredo Coelho.

AURORA DO SONHO

A Leocadio Correia

Violando o silencio desolante e vago do crepusculo nostalgico da tarde ensombrada da ultima Esperança, cabellos bailando em triste desalinhamento e sem côr, tunica violacea docemente desmaiada, partio um dia a Noiva Branca, Alma sagrada do meu Ideal, para o Oriente rutilo do Sonho, para o Nascente orvalhado da Pureza e da Ventura.

As dhalias nevirosadas, adormecidas no profundo silencio da noite outonal, cobertas pelas lagrimas argenteas e timidas das Onze-Mil-Virgens do Luar, sonhavam, no mysterio do Sonno, com apotheeses triumphaes de Brilhos e de Estrellas; com espanejamentos mornos de auras matinaes e aromas trespallantes de nardos e de rosas; com beijos humidos de auras escarlatisadas em oiro e reflexos de luz extranha a diluir-se no occidente retincto de magoas.

E a Lua, pelos lyriaes opalisados e fragrantos da Ventura quintessenciada, olhos abertos numa resplandescencia aprimorada de luz macia de bondade, resurgia, numa liquefacção luminosa de prata e oiro, alagando de claridade brunida de reflexos de flammæ crystalisadas toda a estrada dolorosamente triste por onde passava a Noiva Branca, emmagrecida e seraphica. Na Pyscina nevada da Descrença, os fios, rendilhados em brilhos, da Lua vestida de illuminuras, boiavam na dormencia santificada da Nostalgia Suprema; e, pelas ramagens esbranquiçadas de luz das murtas emudecidas, as gôtas silenciosas da Saudade tremiam candidamente numa promiscuidade de cores claras de astros phosphorescentes.

Sahara! De subito um Dezerto intermino rutila no desolamento nublado das Cousas Mortas e toda a estrada pulverisa-se duma areia rebrihante e aspera como um brazeiro viço, e a Noiva Branca sente os pés escaldarem-se barbaramente nos crystaes disseminados em pós graniticos de fogo. E em conchas luminosas, nadando num fluido de reflexos metallicos, a Duvida estende o manto negro das primeiras exaustões da jornada dolorosa, e toda a areia do Dezerto rispido, treme, extertora, e bafeja-se de espiraes das resinas aromaticas da Nova Crença, e de novo o manto lugubre vascilla e cae na nevoa de fogo do Sahara maldito! E para nova Palestina corre a Noiva Branca por trilhos de açucenas desfolhadas, cabellos enluarados bailando preguiçosamente ao hombro!...

Quando a Lua, numa irradiação triumphal de essencias espiritualisadas, entre lyrios brancos e dhalias mortas, lançava o ultimo sorriso ao Oriente em purpura, via-se surgir a Noiva Branca na apothese nitida das nevas transcendentes, sob a renda tenuissima amplamente estendida pelas fimbrias ruborisadas do Horisonte da Alegria resplandorada, num deslumbramento irradiante de labaredas de sol e auriflammæ fluidisadas, como se viesse numa ecclosão nervosa de lyrios vermelhos do Lycia, cabellos rutilando como fios de oiro ao sol, rosto coberto por um vèu de prata e oiro a derreter-se, quasi immaterial, numa phosphorescencia magica de tintas e de cores, formando filigrannas delicadissimas docemente polvilhadas de azul etherificado.

Generoso Borges.

PEREGRINO

Ao Thiago Peixoto

*Numa grande planície, árida e deserta,
um peregrino em andrajos:*

Ai! que canção me domina!
Como é longa esta estrada!
Fica tão longe essa collina...
Como minh' alma está cansada!

Na extrema do horizonte
Uma estrella scintilla:
E o peregrino vai de monte em monte.
De villa em villa..

Uma alma de asceta de sua palhoça:

Vem, eu te acolho, peregrino:
(Que extranho brilho no seu olhar!)
Dize-m'o: já foste menino?
Não vês? teus pés vão a sangrar!

— Muito além encontrei uma alameda
Cheia de risos, de luar!...

— Perdida, perdida essa vereda...
Olha! teus pés vão a sangrar!

— Haviam risos e haviam flores...
E no céu extranhos lumes!

— Como estás á sonhar! Os sonhadores
Sempre sonham com luzes e perfumes!

— Sonhar?... Não sei!... Longe!... Perdi-A...
(E a Lembrança e a Mágoa, de mãos dadas,
Choram por Ella... Que triste dia!...)
Escuro! Luzes apagadas!

Esquece a noite, a aurora lôda
Surge, affugenta essa visão.

Quero de novo essa alameda
Onde eu deixei meu coração!

Ali eu vi tal claridade
Que eu me julguei um Deus na criação!

— Oh! pobre peregrino da saudade
(Que impiedade esta minha!) era illusão!



LYRIO

Alva flor de corolla assetinada
Que entre as outras parece mais feliz,
Lembrando-nos na forma aprimorada
O garbo das princezas juvenis ;

Nem a viva tulipa matizada
Nem do Japão as rosas tão gentis,
Mereceram a côrte apaixonada
Da nivea e sobranceira flor de liz !

Que não encerra embriagante essencia
E nem curva-se languida na haste
Porque é o symbolo puro da innocencia...

Si algum candido lyrio um dia amaste
Vendo que breve foi sua existencia
Não censures á sorte esse contraste !...

Julho de 1900.

Maia da Gama.

Completa hoje o "Azul" o seu primeiro semestre, fechando com o presente numero o 1.º Tomo.

Esquecemo-nos de declarar que o bello trabalho "Arte de Amanhan" traduzido pelo brilhante litterato Dario Vellozo, foi por nós transladado da "Esphinge".

Alfredo Coelho, delicado espirito artistico, nos honrou com essa encantadora poesia modelada no fausto do parnasianismo.

Finamente perfuma a nossa revista a mystica "Flor heroica".

E' de Romario Martins o nobre levita do Ideal que já é um victorioso na cathedra do azul.

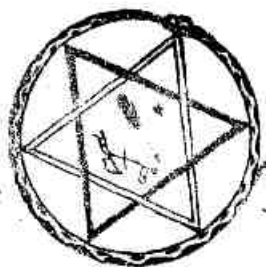
Ismael Martins, um dos cavalleiros que seguem para a Jerusalém do Sonho, nos enviou esses delicados versos que lá adiante resplandecem galhardamente em a nossa folha.

Alista-se hoje entre os romeiros do "Azul," o suave poeta Leite Junior, um dos bellos espiritos da geração que surge.

No proximo numero tributaremos a nossa homenagem ao mais extraordinario artista portuguez — Eça de Queiroz, finado agora em Pariz.

Pallium, a brilhante revista do Arte, cuja divisa é "Pelo Sonho", reapareceu nesta capital, sob a sadia direcção dos illustres escriptores Silveira Netto e J. Pernetta. Parabens ás lettras...

De Maia da Gama, nosso distincto assignante de Pirahy, recebemos o soneto "Lyrio", que hoje publicamos.



INDICE

Autores

Paginas

| | |
|-----------------------|--|
| Redacção | 1, 16, 24, 32, 40, 50, 57, 64, 72, 74, 81, 88, 89, 96, 97, 104. |
| Cruz e Souza | 2. |
| Thiago Peixoto | 2, 9, 21, 31, 40, 46, 55, 69, 87. |
| Santa Ritta Junior | 3, 12, 20, 27, 35, 42, 60, 67, 78, 84, 92. |
| Adolpho Werneck | 4, 11, 22, 27, 39, 44, 60, 71, 79, 95 |
| Evaristo Pernetta | 5, 15, 29, 53. |
| Euclides Bandeira | 5, 10, 30, 36, 44, 53. |
| Alfredo Sarandy | 6, 18. |
| Nicolau dos Santos | 6, 14, 23, 37, 47, 62, 70, 79, 95. |
| Aristides França | 7, 23, 32. |
| Carlos Raposo | 7, 14, 15, 38- |
| Pereira da Silva | 13, 34, 47. |
| Dr. J. de Santa Ritta | 17. |
| Ricardo de Lemos | 19, 26, 87. |
| Generoso Borges | 19, 29, 37, 43, 52, 62, 66, 75, 86, 95, 102. |
| Dario Velloso | 25, 48, 49, 56, 64, 72, 80, 88, 96. |
| Nestor de Castro | 33, 65, 73. |
| Julio Pernetta | 34. |
| Antonio Nobre | 41. |
| Henrique Netto | 51. |
| Emilio de Menezes | 58. |
| Nestor Victor | 59, 83. |
| Adolpho Arango | 63. |
| João Barreira | 76. |
| Silveira Netto | 84, 91. |
| Hypolito Pereira | 85. |
| Leoncio Correia | 94. |
| Domingos Nascimento | 99 |
| Romario Martins | 100 |
| Leite Junior | 101 |
| Alfredo Coelho | 101 |
| Ismael Martins | 103 |
| Maia da Gama | 104 |



Typographia „Der Beobachter“

Travessa da Proclamação Nr. 5

Curitiba — Paraná